

ORGULHO: QUANDO O PECADO SE VESTE DE VIRTUDE

Ministrante: Ev. Marcelo Tarmamad · Data: 22/07 (quarta) · Duração: ≈ 50 min

Base bíblica e teológica: Lucas, Esdras, Deuteronômio, 1 Coríntios, Hebreus, 2 Crônicas, Filipenses, Tiago, 1 Pedro; Jerry Bridges, Pecados Intocáveis (cap. Orgulho)

1. Abertura

Na semana passada começamos esta série a falar do atraso, um pecado que quase todos tratamos como simples falta de jeito. Hoje entramos num pecado mais antigo e mais profundo: o orgulho. A Bíblia trata-o como a raiz de muitos outros pecados, e Deus diz claramente que resiste aos soberbos (Tg 4.6; 1Pe 5.5).

O orgulho tem uma característica perigosa: é o pecado que mais facilmente vemos nos outros e menos vemos em nós. Ele cega-nos para os nossos defeitos e, ao mesmo tempo, afia a nossa visão para os defeitos alheios. Por isso, este estudo começa com uma oração: «Senhor, mostra-me o orgulho que Tu vês em mim.»

Hoje não vamos falar do orgulho óbvio, da pessoa arrogante que todos reconhecem. Vamos falar de quatro formas subtis de orgulho que se escondem com facilidade na vida de crentes fiéis e comprometidos, muitas vezes disfarçadas de zelo, de convicção ou de personalidade forte.

2. Texto-base

Leitura: Lucas 18.9-14

«Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens... O publicano, porém, estando em pé, de longe, não ousava nem ainda levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, sê propício a mim, pecador!»

Jesus contou esta parábola a pessoas que confiavam em si mesmas, julgando-se justas, e desprezavam os outros. O fariseu não mentiu sobre a sua vida: ele jejuava, dava o dízimo e não era ladrão nem adúltero. O problema não estava no que fazia, mas na forma como olhava para si e para os outros.

Há aqui uma ironia que nos apanha a todos: quando lemos esta parábola, é fácil pensarmos «graças a Deus que eu não sou como este fariseu». E, nesse mesmo momento, estamos a repetir exatamente a oração dele. O publicano voltou para casa justificado; o fariseu, não. O caminho para Deus continua a ser o mesmo: o coração quebrantado de quem sabe que precisa de misericórdia.

3. Corpo: quatro formas subtis de orgulho

① O orgulho do moralismo

Texto: Lucas 18.11 · Esdras 9.6

«Meu Deus, estou confuso e envergonhado para levantar o rosto a ti, porque as nossas iniquidades se multiplicaram.»

Moralismo é o sentimento de superioridade moral em relação aos outros. Olhamos para os pecados evidentes da sociedade (a corrupção, a imoralidade, os vícios) e, porque não os

cometemos, sentimo-nos de outro material. Esses pecados são reais e graves, e a igreja deve chamá-los pelo nome. O problema não está em reconhecer o pecado; está no desdém com que olhamos para quem o comete.

A cura do moralismo é lembrar que, se hoje vivemos de forma correta, isso é fruto da graça de Deus, e não mérito nosso. Esdras era um homem justo, mas, ao orar pelo povo, disse «as nossas iniquidades», incluindo-se na culpa de todos. Quem se lembra de onde Deus o tirou não consegue olhar para os outros de cima para baixo.

Como isto aparece no nosso dia a dia:

- Comentar a vida de alguém com um tom de «eu nunca faria isso»
- Olhar para quem chega à igreja com um passado pesado como se fosse um crente de segunda
- Orar pelos «pecadores lá fora» sem nunca confessar os próprios pecados

Pergunta para reflexão: *Por quem tenho sentido desprezo, em vez de compaixão, por causa da forma como vive?*

② O orgulho da doutrina correta

Texto: 1 Coríntios 8.1

«O conhecimento incha, mas o amor edifica.»

Conhecer bem a Palavra e defender a sã doutrina é bom e necessário. O orgulho começa quando o conhecimento nos torna altivos e passamos a tratar com desprezo quem pensa diferente de nós em pontos que não são centrais à fé, como se fosse menos espiritual ou menos fiel.

Os coríntios tinham razão sobre a liberdade cristã em relação aos alimentos, mas usavam esse conhecimento para desprezar os irmãos de consciência mais fraca. Paulo não corrigiu a doutrina deles; corrigiu o coração. Defender a verdade com arrogância é, na prática, negar com a atitude a própria verdade que dizemos defender.

Como isto aparece no nosso dia a dia:

- Discutir para ganhar, e não para edificar o irmão
- Rir de quem sabe menos da Bíblia, ou desprezar quem estuda mais do que nós
- Tratar diferenças secundárias de interpretação como se fossem questões de salvação

Pergunta para reflexão: *Defendo as minhas convicções com firmeza e mansidão, ou com firmeza e desprezo?*

③ O orgulho das realizações

Texto: 1 Coríntios 4.7 · Deuteronómio 8.17-18

«Que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te glorias, como se o não tiveras recebido?»

A Bíblia valoriza o esforço e a diligência. Mas tudo o que conquistamos, nos estudos, no trabalho, no negócio, no ministério e até nos filhos, depende em última instância de Deus, que dá a saúde, a inteligência, as oportunidades e a própria força para trabalhar. Moisés avisou o povo para não dizer no coração: «a minha força me adquiriu esta riqueza» (Dt 8.17).

Este orgulho nem sempre é a vaidade de quem se gaba. Às vezes aparece como irritação quando fazemos um bom trabalho e ninguém reconhece, ou como uma necessidade constante de ser elogiado. Jesus ensinou que, depois de cumprirmos o nosso dever, devemos dizer: «somos servos inúteis; fizemos apenas o que devíamos fazer» (Lc 17.10).

Como isto aparece no nosso dia a dia:

- Contar as próprias conquistas, ou as dos filhos, sem nunca dar glória a Deus
- Ficar magoado quando o nosso serviço na igreja não é mencionado
- Comparar o nosso sucesso com o fracasso dos outros

Pergunta para reflexão: *Que conquista da minha vida tenho tratado como mérito só meu?*

④ O orgulho do espírito independente

Texto: Hebreus 13.17 · 2 Crônicas 26.16-21

«Obedecei a vossos guias e sede-lhes submissos, porque velam por vossas almas, como quem há de dar conta delas.»

Esta forma de orgulho aparece como resistência à autoridade espiritual e dificuldade em receber correção. Achamos que já sabemos o suficiente, ouvimos um conselho já com a resposta pronta, e ficamos na defensiva quando alguém nos corrige. Chamamos-lhe «personalidade forte», mas muitas vezes é apenas um coração que não quer ser ensinado.

O rei Uzias é um aviso para todos nós. Enquanto buscou o Senhor, prosperou. Mas, depois de se tornar forte, o seu coração exaltou-se e ele entrou no templo para fazer o que só aos sacerdotes cabia. Quando foi corrigido, em vez de se arrepender, indignou-se, e a lepra apareceu na sua testa. O que derrubou Uzias não foi um inimigo de fora, mas o orgulho de dentro. No Reino de Deus ninguém é melhor do que ninguém, mas nem todos têm a mesma função; a humildade respeita a ordem que Deus estabeleceu.

Como isto aparece no nosso dia a dia:

- Receber uma correção do líder ou do pastor e procurar logo uma justificação
- Criticar decisões da liderança pelas costas, em vez de dialogar com humildade
- Querer exercer funções que Deus não nos confiou, só porque temos capacidade

Pergunta para reflexão: *Como reagi da última vez que alguém com autoridade espiritual me corrigiu?*

4. O antídoto: a graça que nos humilha e nos levanta

Texto: Filipenses 2.5-8 · Tiago 4.10

«Humilhai-vos perante o Senhor, e ele vos exaltará.»

O orgulho não se vence com esforço para parecer humilde. Vence-se olhando para a cruz. Jesus, sendo Deus, esvaziou-se a si mesmo e humilhou-se até à morte. Diante da cruz percebemos duas coisas: o nosso pecado era tão grave que só a morte do Filho de Deus o podia pagar, e o amor de Deus é tão grande que Ele o pagou. Quem entende isto não tem do que se gloriar, a não ser em Cristo.

Na prática, podemos dar três passos esta semana: primeiro, pedir a Deus que nos revele o nosso orgulho; segundo, pedir ao cônjuge, a um familiar ou a um amigo de confiança que nos diga com sinceridade onde nos veem orgulhosos, e ouvir sem nos defendermos; terceiro, transformar cada conquista em gratidão, dizendo a Deus: «isto veio de Ti».

5. Conclusão e apelo

O fariseu saiu do templo satisfeito consigo mesmo, mas sem ser justificado. O publicano saiu de cabeça baixa, mas em paz com Deus. A pergunta de hoje não é se temos orgulho, porque todos temos; é se estamos dispostos a reconhecê-lo diante de Deus.

Vamos terminar como o publicano: em oração, cada um no seu lugar, a pedir ao Senhor que nos mostre uma área concreta de orgulho e a dizer com sinceridade: «Ó Deus, sê propício a mim, pecador.»